

Eugénio de Andrade

O PESO DA SOMBRA

prefácio de  
Paula Morão

ASSÍRIO & ALVIM

O PESO DA SOMBRA  
MODOS DA «SUPREMA HARMONIA»  
EM EUGÉNIO DE ANDRADE

1. *O peso da sombra* conheceu a primeira edição em 1982, situando-se portanto na maturidade do poeta, que publica regularmente desde os anos quarenta (data de 1948 a *editio princeps* de *As mãos e os frutos*) e até 2001 (*Os sulcos da sede*). Como vários críticos têm sublinhado, havendo embora inflexões temáticas, os eixos principais da poética eugeniana mantêm-se constantes e coesos, para o que muito contribui a fortíssima consciência do tempo em geral e da temporalidade como matéria mesma da vida de um sujeito que regressa aos lugares e às circunstâncias que lhe servem de fundamento. Disso mesmo é exemplar a releitura e parcial recuperação dos livros rejeitados, *Narciso*, *Adolescente* e *Pureza* (1939, 1943 e 1945, respectivamente), dando lugar a *Primeiros poemas*, de 1977: obras de aprendizagem e de emulação, naqueles livros está o poeta a fazer a mão e a encontrar a voz própria que a partir de 1948 não cessará de crescer. Tal regresso às primícias norteia-se por uma autocrítica que, simultaneamente, avalia e selecciona, do mesmo passo que mostra o que os leitores dos anos setenta já conhecem dos livros entretanto editados e dos ensaios de poética primeiro dados à estampa com o título *Os afluentes do silêncio* (1.<sup>a</sup> ed. 1968): a memória é essencial na fundamentação deste sujeito-a-escrever, cercado pelas metáforas do mundo natural — rio que corre para um

É por dentro que a boca é luminosa.  
A luz derrama-se na língua, e canta.  
É quase vegetal, de um azul inocente,  
ou quase animal, rastejando lenta.

Podes confiar-me sem receio  
as pequenas tarefas matinais.  
Deixa ficar as nuvens,  
a poeira acesa nos telhados,  
os martelos da tristeza sobre a mesa.  
O meu país é entre junho e setembro,  
antes da primeira neve chama por mim.

Inventarei o dia onde contigo  
e o outono corra pelas ruas.  
A luz que pisamos é tão perfeita  
que não pode morrer, como não morre  
o brilho do olhar que te viu despir.